

A EXISTÊNCIA DE *SERIAL KILLERS* NOS SÉCULOS XV E XVI

Bruna da Silva de Matos¹

Karin Gomes Martins²

Yara Jurema Hammen Llanos³

Resumo: A Psicopatia é alvo de constante pesquisa em diversas áreas do conhecimento e gera grande curiosidade por parte da população. O foco deste artigo é o serial killer, isto é, psicopatas que matam pelo menos três vezes e seguem um padrão. Os serial killers são encarados como um fenômeno recente, entretanto, há indícios de que tais fatos existiam antes mesmo da primeira tentativa registrada de diagnóstico para o transtorno no século XIX. Nesse sentido a partir dos casos de Erzsebet Bathory e Gilles de Rais, procuramos definir a existência do fenômeno Serial Killers, nos séculos XV e XVI. A partir da análise dos dados obtidos e posteriormente relacionados com os critérios do DSM-5 para Transtorno de Personalidade Antissocial, podemos concluir que Erzsebet Bathory e Gilles de Rais apresentam indícios do transtorno e podemos também dizer que são pertencentes ao padrão de atuação dos Serial Killers.

Palavras-chave: Idade média; Idade moderna; Psicopatia; Sociopatia; Transtorno de personalidade.

THE EXISTENCE OF SERIAL KILLERS AMONG THE 15TH AND 16TH CENTURIES

Abstract: Psychopathy is a subject of constant research in several areas of knowledge and tends to generate great curiosity on part of the population. The focus of this article is the serial killer, that being psychopaths that kill at least three times and follow a pattern. Serial killers are seen as a recent phenomenon, however, there are indications that such facts existed even before the first recorded attempt of diagnosis of the disorder in the 19th century. Following the cases of Erzsebet Bathory and Gilles de Rais, we tried to define the existence of the Serial Killers phenomenon among the 15th and 16th centuries. From the data analysis obtained and later related to the criteria of the DSM-5 for Antisocial Personality Disorder, we can conclude that Erzsebet Bathory and Gilles de Rais present evidence of the disorder and we can also say that they belong to the performance standards of Serial Killers.

Keywords: Middle age; Modern age; Psychopathy; Sociopathy; Personality disorder.

LA EXISTENCIA DE LOS SERIAL KILLERS EN LOS SIGLOS XV Y XVI

Resumen: La Psicopatía es un asunto de constante investigación en diversas áreas del conocimiento y despierta una gran curiosidad por parte de la población. El foco principal de este artículo es Serial Killers, o sea, psicópatas que matan al menos tres veces y siguen un patrón. Los “Serial Killers son encarados como un fenómeno reciente, sin embargo hay indicios de que tales hechos existían mismo antes de la primera tentativa registrada a partir del diagnóstico para el trastorno en el siglo XIX. De este manera, a partir de los casos de Erzsebet Bathory y Gilles de Rais, buscamos definir la existencia del fenómeno Serial Killers, en los siglos XV y XVI. A partir del análisis de los datos obtenidos y posteriormente relacionados con los criterios del DSM-5 para trastorno de personalidad Antisocial, podemos concluir que Erzsebet Bathory y Gilles de Rais presentan indicios del trastorno y podemos también decir que son pertenecientes al patrón de actuación del Serial Killers.

Palabras claves: Edad media; Edad moderna; Psicopatía; Sociópata; transtorno de personalidad.

Introdução

O presente artigo tem como base a análise dos casos de Erzsebet Bathory e Gilles de Rais, com o intuito de encontrar indícios do Transtorno de Personalidade Antissocial nos indivíduos selecionados, com a finalidade de constatar a existência de *Serial Killers*, nos séculos XV e XVI, visto que o estudo do transtorno só iniciou no século XIX⁴.

¹ Acadêmica do 10º semestre de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

² Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

³ Especialista em Fundamentos Psicopedagógicos pela Fundação Educacional de Criciúma – FUCR.

⁴ Os períodos históricos escolhidos foram a Idade Média e a Moderna, períodos em que não havia o entendimento do que se trata a saúde mental e seus processos, já que o estudo dos transtornos mentais iniciou apenas no século XIX e o termo *serial killer* foi criado há 40 anos apenas, conforme é dissertado durante o trabalho. Os casos escolhidos são de pessoas reais que comentaram crimes reais, e isto, nos leva ao objetivo do trabalho, que foi avaliar através dos

Um dos termos associados ao transtorno é a psicopatia que vem do grego *psyché* (alma) e *pathos* (paixão, sofrimento). Segundo Henriques (2009) a psicopatia é um tipo de transtorno mental, sem a apresentação dos sintomas de psicose, o que atribui ao psicopata uma aparência de normalidade. Na versão atual do DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), o transtorno é nomeado como Transtorno de Personalidade Antissocial, entretanto, no decorrer da história o transtorno recebeu diversas nomenclaturas, entre elas as mais conhecidas são sociopatia e psicopatia, neste artigo usaremos o termo psicopatia, como referência.

Dentro da classificação deste transtorno, existem subdivisões de acordo com os comportamentos dos indivíduos. É possível encontrar psicopatas que manipulam, enganam e roubam, os quais são conhecidos popularmente como “vigaristas”, e existem aqueles que matam para satisfazer seus desejos. O foco deste trabalho são os psicopatas que matam, mais precisamente, aqueles que matam pelo menos três vezes e seguem um padrão, estes são denominados *serial killers*. Segundo Silva (2004, p.72) *serial killer* “é um indivíduo que mata repetitivamente e de maneiras semelhantes”. Vale ressaltar que nem todo psicopata é um *serial killer*, pois para isso é necessário ter cometido pelo menos três homicídios em eventos diferentes (SCHECHTER, 2013).

Grande parte da população acredita que “*serial killers*” são um fenômeno recente, que seus crimes iniciaram na contemporaneidade, entretanto, há indícios de que tais fatos existiam antes mesmo da primeira tentativa registrada de diagnóstico do comportamento desviante, ocorrido em 1801 pelo médico francês Pinel. Esta crença se dá pelo fato da mídia impressa ser de certa forma recente, sendo reforçada pelo grande índice de analfabetismo da população há 200 anos e o termo *serial killers* ter pouco mais que quatro décadas (MONTEIRO, 2014; SCHECHTER, 2013; SILVA, 2004).

Existe uma sede de informações e uma necessidade de explicações a respeito deste transtorno que leva pessoas, que aparentam serem normais, a cometerem atrocidades que fogem à compreensão humana. É notável o grande fascínio da população pelo mistério que gira em torno das motivações dos comportamentos desviantes dos *serial killers*; frequentemente são temas de filmes, livros e seriados, porém, estas obras não conseguem retratar a verdadeira face do psicopata, pois o mundo vivido por ele aterroriza e não possui um final feliz (SCHECHTER, 2013; SILVA, 2004). A nossa sociedade vem sofrendo com o crescente índice de violência, crimes são cometidos por homens que são categorizados pela população como monstros, pois fogem a compreensão que um humano possa cometer atos tão cruéis.

dados históricos e do DSM, que os sujeitos em questão correspondem ao diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial e que se encaixam no padrão de atuação dos *serial killers*, ou seja, este grupo de pessoas e seus comportamentos já existiam antes mesmo de serem estudados e catalogados.

Os atuais contos de fadas foram baseados em contos do século XVI que anterior a isto foram passados de geração a geração e, com o passar do tempo, receberam adaptações para o público infantil. Porém, muitos dos contos originais possuíam relatos de tortura, canibalismo, estupro, assassinatos a sangue frio, e por puro prazer, sempre acompanhados de um cenário de bruxaria, feitiços e monstros. Os contos podem ser um reflexo do contexto social daquele período, pois as narrativas ricas em detalhes macabros revelam que as pessoas estavam familiarizadas com estes comportamentos, e que através de figuras míticas e monstros encontraram uma forma de explicar estes comportamentos, considerando que um ser humano não seria capaz de atos bárbaros contra uma vida (SCHECHTER, 2013).

Um exemplo desta temática é o conto da Chapeuzinho Vermelho, que é devorada, assim como sua avó, por um lobo bípede, que fala, usa vestes e mora na floresta. Schechter (2013, p.152) traz em sua obra que “estudiosos acreditam que muitas das superstições sobre lobisomens derivam, pelo menos em parte, de casos verídicos de assassinos medievais que matavam e mutilavam suas vítimas com tamanha bestialidade que eram tidos por lobisomens ou licantropos”.

Na Europa no século XVI, homens que cometiam assassinatos horrendos e, muitas vezes, com mutilação e desmembramento, eram considerados lobisomens, literalmente monstros, como aponta Schechter (2013, p.152): “em dezembro de 1573, o parlamento regional em Franche-Comte emitiu um decreto esboçando as formas mais eficazes e apropriadas de capturar, condenar e punir lobisomens”.

Partindo destas informações sobre casos ocorridos antes do século XIX, pensou-se na hipótese de que estes ditos monstros eram, na realidade, *serial killers*; em uma época que não existia o diagnóstico, e sim a falta de compreensão diante das atrocidades cometidas pelas pessoas, para acalmar a necessidade de explicação, a sociedade usou o artifício de monstro, que de certa forma se perpetua ainda hoje, quando nos deparamos com casos semelhantes. Diante deste raciocínio, surgiu a vontade de pesquisar casos entre os séculos XV e XVIII de assassinatos para tentar definir a existência ou não de *serial killers* antes do surgimento do diagnóstico de psicopatia a partir de relatos bibliográficos. Desta forma, nos questionamos: O fenômeno Serial Killers teve seu início na contemporaneidade? Nesse sentido objetivamos neste trabalho tentar definir, através da análise dos relatos dos casos, a existência o fenômeno *Serial Killers*, nos séculos XV e XVI.

É importante ressaltar que a escolha dos períodos históricos da Idade Média e Moderna se deu pelo fato de que não havia estudos da saúde mental nesta época, os comportamentos considerados desviantes eram tratados como falta de religiosidade ou possessão demoníaca. Os estudos a cerca destes comportamentos iniciaram apenas no século XIX com o fortalecimento da

medicina, já o grupo e padrão abordado neste trabalho, os *serial killers*, receberam atenção apenas na segunda metade do século XX, isto é, os comportamentos desviantes da Idade Média e Moderna não eram vistos como transtorno, os estudos em torno dos *serial killers* são recentes, há uma distância de 500 anos de história entre os dois pontos na linha do tempo.

Para que fosse possível responder esta questão analisamos informações e a história de vida dos indivíduos dos casos selecionados através dos relatos encontrados nas obras literárias “*Serial Killers: anatomia do mal*” (SCHECHTER, 2013), “*A Condessa Sangrenta*” (PIZARNIK, 2011) e na obra historiográfica “*Os grandes julgamentos da história: Gilles de Rais e Petiot. v. 11*” (BERTIN, 1978), contextualizando os comportamentos existentes, relacionando com o período histórico em que os crimes ocorreram e conceitualizamos através do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais os termos “Transtorno de Personalidade Antissocial”, “psicopatia”, “sociopatia” e “*serial killers*” para compreensão e diagnóstico dos casos selecionados.

Psicopatia, Sociopatia ou Transtorno de Personalidade Antissocial?

Devido às inúmeras mudanças de terminologia nos últimos séculos, ainda nos dias de hoje existe uma confusão por parte da população. Muitos acreditam que psicopatia e sociopatia são transtornos diferentes de comportamentos semelhante, outras já pensam que são o mesmo transtorno e que não há diferenças entre elas além da terminologia, e há aqueles que desconhecem a terminologia, utilizada atualmente, Transtorno de Personalidade Antissocial. No entanto, a terminologia oficial é Transtorno de Personalidade Antissocial e os termos psicopatia e sociopatia podem ser usados como sinônimos, exceto para diagnóstico (HENRIQUES, 2009; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2004).

A diferença entre os termos se dá principalmente pelos critérios e traços a serem analisados para o diagnóstico. A psicopatia, consiste principalmente nos traços afetivos e interpessoais podendo ter sua origem biológica, já na sociopatia eram considerados os traços de personalidade, os aspectos sociais e as condutas desviantes do indivíduo; atualmente utilizamos o termo Transtorno de Personalidade Antissocial que leva em consideração, para construir um diagnóstico, apenas os comportamentos e deixando de lado os traços de personalidade (HENRIQUES, 2009; MONTEIRO, 2014; SILVA, 2004).

O Transtorno de Personalidade Antissocial é caracterizado pela não adequação às leis, normas e comportamento ético, pelo egocentrismo, insensibilidade e ausência de preocupação com os outros, desonestidade, irresponsabilidade, manipulação e/ou exposição a riscos. Apresentam dificuldade de empatia e/ou na manutenção da intimidade (DSM-5, 2014).

Abaixo, seguem os critérios para diagnóstico segundo o DSM-5 (2014, p. 659):

- A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:
1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
 5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.
- B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.
- C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.
- D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Serial Killers

Os *serial killers*, em grande parte, podem ser diagnosticados como psicopatas, criminosos que não são considerados insanos, pois diferenciam o certo do errado, entretanto não conseguem seguir as normas estabelecidas na sociedade. Como citado anteriormente, o termo *Serial Killer* possui pouco mais de quatro décadas de existência, passando, desta forma, uma impressão de que é um fenômeno exclusivo da contemporaneidade (SCHECHTER, 2013; SILVA, 2004).

O termo *serial killer* foi cunhado pelo importante agente do *Federal Bureau of Investigations* (FBI) Robert Ressler, que recebeu destaque devido as suas contribuições na área e, principalmente, por ter participado da fundação da Unidade de Ciência Comportamental do FBI (SCHECHTER, 2013; SILVA, 2004).

Segundo o *Crime Classification Manual*, do *FBI* para enquadrar um criminoso como um assassino em série deve-se considerar 3 elementos: quantidade, pelo menos três homicídios; evento, os assassinatos devem ocorrer em eventos diferentes; e tempo, deve haver um intervalo de tempo entre os assassinatos, podendo ser de horas a anos. As últimas duas características são essenciais para distingui-los dos assassinos em massa (SCHECHTER, 2013).

Após discussão entre especialistas, chegou-se à conclusão de que a definição do FBI não contemplava todo o funcionamento de um assassino em série, pois faltava caracterizar a motivação dos crimes. Diante esta discussão, o *National Institute of Justice* dos Estados Unidos, complementou a definição anterior com o fator sexual, pois o comportamento e as provas obtidas reforçam traços sádicos e sexuais (SCHECHTER, 2013).

Contextualização Histórica

Os séculos XV e XVI na Europa, foram marcados por diversas mudanças e pela transição para um novo mundo, como o fim da Idade Média, o Renascimento e a passagem para a Era Moderna. A Idade Média se estendeu do século V ao século XV, o pensamento existente era o Teocentrismo, ou seja, Deus no centro de tudo, eram muito religiosos, a Igreja possuía grande poder, tudo que era dito e imposto pela Igreja deveria ser seguido, e apenas ela poderia perdoar os pecados e escolher quem iria ser salvo (RICHARDS, 1993; SCHMIDT, 2005).

A Igreja era o centro da comunidade desempenhando um papel em todos os acontecimentos. As crianças recém-nascidas eram batizadas para serem aceitas na comunidade católica, os noivos deveriam trocar os votos na paróquia para que pudessem receber a benção e os funerais eram realizadas orações pela alma do falecido e o corpo enterrado no solo sagrado da Igreja (MACDONALD, 2003).

Os casamentos da época eram em sua maioria combinados, principalmente para os jovens ricos, para aumentar e proteger suas posses, muitas mulheres casaram-se cedo e morreram cedo também em virtude das dificuldades dos partos e o pouco tempo entre uma gestação e outra, com o objetivo de ter filhos homens para que dessem continuidade ao nome da família (MACDONALD, 2003; SCHMIDT, 2005). Na Idade Média, a sexualidade sofreu uma grande repressão, pois segundo a Igreja, o pecado original vinha do sexo, e este, sendo um mal necessário era permitido apenas para a procriação e, ainda assim, deveria ser realizado com o corpo coberto e apenas na posição do missionário (conhecida atualmente como “papai e mamãe”), práticas diferentes ou que não tinham como objetivo a procriação eram condenadas e punidas pela Igreja, que era o caso do sexo anal (sodomia), por exemplo (RICHARDS, 1993).

Escritores medievais separavam a sociedade em três grandes grupos, embora existissem outros grupos, que funcionavam de forma orgânica, isto é, como um corpo humano: os camponeses eram os pés e as pernas, pois sustentavam todo o reino com seu duro trabalho na terra, os guerreiros eram os braços, pois defendiam o reino com toda sua força, o Clero, isto é, os padres, freiras e monges eram a consciência, pois ditavam o que era certo e errado e aconselhavam nas decisões importantes, e havia o rei, que por sua vez, era a cabeça, o cérebro que comandava os braços, as pernas e era guiado pela consciência (MACDONALD, 2003).

A vida na era medieval não era muito longa, em virtude das guerras e também das doenças. As doenças se propagavam com muita facilidade, eram transmitidas através dos animais ou por contato com outros seres humanos, somadas as más condições de higiene e falta de conhecimento dos processos que compõem uma doença muitas crianças não chegavam a vida adulta e os que chegavam, provavelmente, sofreriam de dor e desconforto. A mais conhecida e cruel doença da Idade Média foi a peste bubônica, conhecida como Peste Negra, que ocorreu em mais de um episódio, matando sempre aqueles que não eram resistentes ao vírus (MACDONALD, 2003).

O povo, acreditava que cada nova epidemia de Peste Negra era um castigo enviado por Deus, para castigá-los pelas maldades e, assim, tentavam melhorar seus comportamentos. A Igreja ensinava que paciência e aceitação da vontade de Deus durante a doença eram virtudes, e que os mais fortes e saudáveis deveriam cuidar dos adoentados e deficientes, aqueles que não tinham quem os cuidasse e não podendo trabalhar só restava a caridade dos outros e tornar-se pedinte (MACDONALD, 2003).

A guerra era o acontecimento mais importante na vida dos soldados e dos cavaleiros, eram ensinados e treinados desde muito cedo, entretanto, os civis sofriam tanto quanto eles, com os saques e incêndios causados pelos inimigos, vários eram os motivos para iniciar uma guerra tomar o trono ou terras, eram os principais. A Europa vivia em constante ameaça dos países do Oriente Médio, houveram cruzadas, guerras santas e, já no fim da Idade Média a França e a Inglaterra guerrearam por tanto tempo que o período recebeu o nome de “Guerra dos Cem anos” (MACDONALD, 2003; SCHMIDT, 2005).

A passagem do século XV para XVI e a chegada da Era Moderna, presenciou o surgimento de um grande movimento artístico e intelectual, promovendo uma nova mentalidade, que mais tarde foi nomeado de Renascimento, pois estudiosos europeus deslumbrados com as obras de arte e literárias dos gregos e romanos, passaram a estudá-los e concordar de que era o homem que deveria estar no centro do Universo, ao invés de concentrarem-se apenas em assuntos religiosos. Os favoráveis ao movimento valorizavam a natureza, o corpo, a vida terrena e a capacidade de o ser humano descobrir coisas novas e inventar máquinas. Aos poucos a mentalidade passou do teocentrismo para antropocentrismo, isto é, o homem no centro do Universo, entretanto, continuaram a respeitar a Igreja e seus dogmas, porém apenas não precisavam ficar à mercê da verdade da Igreja, surgindo dessa forma o pensamento empírico, no século anterior quando tinham dúvidas perguntavam ao Papa, já na Era Moderna, pesquisavam, testavam, experimentavam e criavam (MACDONALD, 2003; SCHMIDT, 2005).

Na Era Moderna, as pessoas já não acreditavam que as doenças eram castigos de Deus ou ausência dele, como por exemplo, a Melancolia que era tida como um afastamento do divino e,

até mesmo, uma possessão demoníaca, a sociedade estava caminhando na direção dos estudos e diagnóstico das doenças, nas faculdades de medicina passaram a dissecar corpos, o que antes era proibido pela Igreja, e embora os escritos de Galeno possuíssem partes verdadeiras, fizeram grandes descobertas. Na Era Moderna, com o fortalecimento do Renascimento, houve uma diminuição na repressão sexual no sentimento de que valorizavam o sexo, visto por suas obras que não cobriam o órgão sexual, o que na Idade Média era tido como vergonhoso e pecaminoso (RODRIGUES e GONÇALVES, 2004; SCHMIDT, 2005).

Também houve uma mudança definitiva do feudalismo para o capitalismo, as pessoas migraram do campo para as cidades em busca de emprego e liberdade, estavam tristes e preocupados com as epidemias, com os pecados e possibilidade de não irem para o paraíso, desta forma aceitaram bem a liberdade e amenização promovida pelo movimento renascentista e a perda do poder feudal, a partir do crescimento do comércio nasceu o capitalismo e vieram as grandes navegações (MACDONALD, 2003; RODRIGUES e GONÇALVES, 2004; SCHMIDT, 2005).

Casos

Caso 1- Condessa Erzsebet Bathory

História Pessoal

Nasceu em 1560. Diagnóstico de epilepsia, fortes dores de cabeça e melancolia. Foi iniciada sexualmente, na adoração ao diabo e nas torturas pelos membros da família, possuía parentes próximos com histórico psiquiátrico como epilepsia, loucura, gota e luxúria, sua tia matou 2 dos 4 maridos (PIZARNIK, 2011).

A Família Bathory era conhecida pelo histórico de crueldade, casamento consanguíneo e loucura. A Condessa casou-se aos 15 anos com um nobre guerreiro, seu marido não admitia comentários sobre seu comportamento inadequado, devido as guerras era muito ausente, entretanto, tiveram 8 filhos, 4 meninos e 4 meninas, que não foram criados pela Condessa e sempre moraram longe dela (PIZARNIK, 2011).

Quando era acometida pelas enxaquecas, precisava ficar na cama e mastigava os pedaços de carne extraídos das pobres moças, assim como os gritos e alaridos das moças de forma irônica acalmavam suas dores de cabeça. Castigava suas criadas com chicotadas e agulhas embaixo das unhas, por motivos banais. Em 1604 ficou viúva, durante a vida do marido nunca havia cometido um sequer assassinato, porém após sua morte conheceu uma feiticeira, já estava na casa dos 50 anos e possuía uma obsessão por afastar a velhice e esta a orientou a banhar-se em sangue de jovens moças, realizava também magia negra e banho de ervas para retardar o envelhecimento. Possuía um espelho, com um modelo desenhado por ela mesma, com apoio para os braços,

podendo desta forma ficar por horas em frente a ele. Era acometida pelo mal do século XVI, a melancolia que é caracterizada por uma profunda tristeza e vazio, de certo descompasso rítmico, entre o interior e o exterior (PIZARNIK, 2011).

Crimes

Suas criadas atraíam meninas da região com oferta de emprego com intenção de capturá-las para que Bathory pudesse torturá-las e obter o sangue necessário para seu banho rejuvenescedor, recomendado pela feiticeira. Dentro de seu castelo possuía uma sala especial em que passava muitas noites entretida com seus aparatos e métodos de tortura: virgem de ferro, gaiola, atizador, humilhação e morte por água na neve. Após certo tempo capturando e torturando plebeias, notando que ainda envelhecia, procurou outra feiticeira que a orientou banhar-se com sangue nobre, desta forma anunciou um curso de etiquetas para moças da nobreza e em 2 semanas matou 23 daquelas que a haviam procurado. Possuía atração sexual por mulheres, suas vítimas todas foram moças, na sala de tortura costumava introduzir um círio ardente no órgão genital de suas vítimas (PIZARNIK, 2011).

Métodos de Tortura

- *A virgem de ferro*: uma dama metálica em tamanho real e da cor humana, nua, maquiada, enfeitada por joias, contando com um mecanismo que fazia mexer seus olhos e abrir seus lábios em um sorriso, seus olhos e seus braços e fecha-os abraçando a vítima, de seus seios surgiam cinco punhais que perfuravam sua vítima (PIZARNIK, 2011).
- *Morte por água*: a moça nua, em pé na neve durante a noite, rodeada por tochas, derramavam água sobre seu corpo e quando por instinto se aproximava das tochas e derramavam mais água como punição (PIZARNIK, 2011).
- *Gaiola mortal*: A condessa sentava embaixo da gaiola e sua criada com um atizador espetava a vítima que ao tentar desviar-se acabava por cortar-se nas facas derramando desta forma sangue na condessa vestida de branco (PIZARNIK, 2011).
- *Torturas clássicas*: Suas criadas flagelavam as moças até que abrissem chagas para que pudessem espetá-las, aplicavam atizadores em brasa, cortavam-lhes os dedos com tesouras ou guilhotinas, caso a Condessa cansasse dos gritos suas bocas eram costuradas (PIZARNIK, 2011).
- *Torturas pela Condessa*: com pequenas pinças feitas sob medida a Condessa arrancava carne de lugares sensíveis, enfiava agulhas, cortava a pele entre os dedos, aplicava na planta dos pés colheres ou placas em brasa, mesmo após a morte das moças continuava

com suas atividades, submergia moças em água gelada, deixando-as de molho para quando ficasse doente mordê-las em seu leite (PIZARNIK, 2011).

Desfecho

Durante 6 anos, a condessa divertiu-se com as pobres moças livremente, haviam rumores sobre os sumiços e a provável culpada, entretanto, o nome Bathory afugentava aqueles que porventura poderiam denunciá-la. Porém, após o sumiço de moças nobres, o rei foi obrigado a investigar o que estava acontecendo e, em 1610, possuía em seu poder relatórios e provas suficientes contra a condessa. Seus guardas foram até o castelo e encontraram no quarto de tortura corpos e sangue das moças, além de um caderno com 610 nomes (PIZARNIK, 2011).

Sem dúvidas de sua culpa, a Condessa foi condenada à prisão domiciliar, portas e janelas de seu aposento foram muradas e era alimentada por uma portinhola, viveu ali por 3 anos e morreu em 1614, só não foi enforcada para evitar atritos com a família Bathory. Suas cúmplices foram condenadas à fogueira. A condessa nunca demonstrou arrependimento e não compreendia porque havia sido condenada, e acreditava possuir direito de fazer o que fez por ser uma mulher nobre e de alta estirpe (PIZARNIK, 2011).

Caso 2 - Marechal Gilles de Rais

História Pessoal

Nasceu em 1404, fruto de um casamento acordado para obtenção de herança. Enquanto estava sob tutela dos pais, tudo lhe era permitido. Ficou órfão de pai e mãe aos 11 anos e embora o pai tenha registrado em seu testamento ser contrário que o avô materno recebesse a guarda de seus filhos em virtude de sua má índole e ganância, o mesmo não foi respeitado. Até os 11 anos brincou como uma criança qualquer, era violento e colérico, porém aplicado aos estudos e hábil no manuseio de armas. Escutava as narrativas sobre guerras e violência como sustento e preservação da vida, que valor e glória são alcançados no campo de batalha com entusiasmo. Seu avô conseguiu a sua guarda e de seu irmão, obtendo o direito de administrar toda sua fortuna, foi negligenciado pelo seu avô, podendo fazer e ter tudo que desejasse, sendo criado basicamente pelos empregados, livre para viver seus instintos selvagens, praticava jogos cruéis com as crianças do castelo. Muito interessado pela leitura, gostava de livros que contassem fatos sobre guerras e as crueldades dos imperadores romanos (BERTIN, 1978).

Com 13 anos seu avô resolveu casá-lo, como uma nova oportunidade de negócios e saiu a procura de uma família rica, encontrou uma menina órfã de apenas 4 anos, em troca do casamento pagaria as dívidas do avô, entretanto, o Parlamento de Paris, interviu e anulou o

contrato mandando a menina para um convento, onde morreu anos depois. Em sua segunda tentativa, tempo antes do casamento a moça veio a falecer (BERTIN, 1978).

Após ter dado uma trégua na procura de uma noiva para Gilles, em 1422, seu avô resolve casá-lo com sua sobrinha, prima de Gilles, como parte de seu plano rapta a menina e fez com que passassem a noite juntos em um celeiro afastado, desta forma o padre casou as crianças culpadas, entretanto, o bispo sabendo do acontecido, como punição anulou o casamento em virtude do parentesco dos noivos. Seu avô então argumentou que as crianças se amavam e se colocou à disposição para pagar uma multa, o bispo, então, concedeu a benção, porém ordenou que vivessem separados em nome das leis da Igreja e das aparências. Gilles não demonstrou nenhum interesse por suas pretendentes, preferencialmente satisfazia seus desejos com homens, seu avô descontente com o fato tenta colocá-lo nos negócios e com 20 anos ganhou seu primeiro comando e recrutou 5 campanhas (BERTIN, 1978).

No mesmo ano tomou posse de sua herança, embora seu avô ainda como administrador, Gilles possuía gostos refinados, seus gastos eram extremos, comprava e pagava o que queria sem contar dinheiro, pagava espiões de guerra, suas tropas eram as mais bem-vestidas, mais bem pagas e com os melhores soldados, sua casa militar era luxuosa e de melhor qualidade, consumia álcool excessivamente, era violento, autoritário e isento de piedade. Possuía grande êxito em suas batalhas, e em um de seus ataques matou o capitão inimigo com suas próprias mãos com intensa alegria e prazer, possuía grande admiração pelas batalhas, sangue e morte. Após um período que precisou se afastar do campo de batalha, aborrecido passou de festas para orgias, sempre acompanhado de pequenos pajens escolhidos pela beleza, ornado em ouro, com um excessivo consumo de álcool. De volta ao campo de batalha, na Guerra dos 100 anos ao lado de Joana D'arc, quem foi designado a proteger, pode conhecer a pureza em um ser humano, após algumas vitórias precisaram se afastar da guerra. Joana D'arc foi raptada pelos ingleses e antes que Gilles pudesse salvá-la foi enforcada, algumas literaturas indicam esse fato como gatilho para a loucura e autodestruição de Gilles, mostrou-se brutal, cruel e indiferente à honra e glória (BERTIN, 1978).

Crimes

O primeiro assassinato registrado de Gilles de Rais foi em 1432, seu avô faleceu neste mesmo ano, desesperado pelo que seu neto havia se tornado. Sodomizou e sacrificou diversos meninos e meninas. As vítimas eram raptadas ou aliciadas por seus cúmplices, eram crianças de ambos os sexos, porém em sua maioria meninos. Gilles praticava sexo anal e depois matava, através do estrangulamento ou decapitação, para depois estripá-las, masturbando-se com suas

entranhas. Os crimes aconteceram durante 8 anos, somando 140 crianças mortas de acordo com os registros de seu julgamento (BERTIN, 1978).

Desfecho

Em 1440, Gilles é entregue à justiça, as autoridades encontraram em um dos quartos de seu castelo os restos mortais de 50 crianças, sendo assim preso em um dos quartos de seu castelo. Para que fosse julgado pela Igreja e perdesse o direito de um advogado foi adicionado a acusação principal de crime contra a fé e heresia, além de rapto, violações, torturas, culto satânico e assassinato de crianças (BERTIN, 1978).

Durante o julgamento apresentou-se tranquilo e manifestava-se inocente, em dado momento confessou que sentia prazer em ver suas vítimas morrendo. Sempre com sorriso frio, amargo e desdenhoso enquanto o escrivão lia sua acusação, mostrava-se desdenho com os juízes, familiares das vítimas e curiosos que acompanhavam as sessões, sempre de cabeça erguida, bem vestido, não saudava os juízes nem baixava os olhos diante os olhares que recebia (BERTIN, 1978).

Após muito tempo negando as acusações, seus juízes e seus poderes, resolve apresentar-se de forma humilde partindo das vestes simples sem adorno, comportamento dócil e cabeça baixa. Após muito negar o poder de seus juízes ele humildemente reconhece e pede perdão pelos crimes cometidos, desta maneira o bispo concede o perdão. Neste momento Gilles cai de joelhos e chorando, nega invocação do diabo, confirma a prática de alquimia na tentativa de produzir ouro e é absolvido do crime de heresia. Após ouvir testemunhas, insatisfeitos com o depoimento de Gilles, os juízes escolhem a tortura como método de interrogatório, neste momento Gilles desmaia recobrando a consciência apenas 1 hora depois (BERTIN, 1978).

No dia marcado, Gilles implora que seja cancelada a tortura e se compromete a confessar todos os crimes citados em sua acusação. Como prometido assume a culpa dos assassinatos das 140 crianças, rituais de invocação do diabo, uso de alquimia e magia negra, ao ser questionado pelo juiz se foi induzido a matar crianças afirma ter sido de próprio pensamento, imaginação e devaneios, fruto de seus prazeres cotidianos e do gosto pela devassidão com intenção de saciar seus desejos. Como parte da confissão, torna público seus crimes, com detalhes sórdidos, com certo exibicionismo, declarando que seus crimes e comportamento são frutos de sua infância e má orientação recebida por seu avô e pela devoção ao diabo. Com muita emoção pede orações para sua alma, os espectadores ali se dividiram entre pedidos de misericórdia e pedidos de vingança (BERTIN, 1978).

Diante do seu discurso de arrependimento e pedido de perdão cristão é absolvido dos crimes de heresia e aceito novamente na Igreja, entretanto, é condenado à forca pelos crimes contra as crianças, desta forma pede para ser executado junto de seus dois amigos e cúmplices e

que tenha um enterro cristão para alcançar a salvação. E, assim, foi feito, sua execução foi acompanhada de uma comoção religiosa, banhada a lágrimas e pedidos de misericórdia a Gilles por parte da população, inclusive pelos familiares das vítimas. Gilles foi executado dia 26 de outubro de 1440 (BERTIN, 1978).

Discussão de Casos

A condessa possuía parentes próximos com transtornos psiquiátricos, praticavam incesto e casamentos consanguíneos, o que pode ter colaborado para o surgimento das doenças e transtornos mentais, como afirma Pizarnik (2011, p.25) “Os parentes da condessa não desmerecem a fama de sua linhagem. [...] Os inúmeros casamentos entre parentes próximos colaboraram, talvez, para o aparecimento de doenças e inclinações hereditárias: epilepsia, gota, luxúria”.

Assim como a Condessa, Gilles de Rais recebeu influências familiares, criado pelos pais de maneira que tudo podia fazer, tudo lhe era permitido, ficou órfão de pai e mãe com apenas 11 anos, passou a tutela de seu avô, uma pessoa que segundo relatos não possuía uma boa índole e valores morais. Negligenciado pelo avô, que não lhe impôs limites, viveu da maneira que queria, podendo aplicar brincadeiras cruéis às outras crianças do castelo sem repreensão, como é possível ver na obra os Grandes Julgamentos da História de Bertin (1978, p. 111) que traz uma fala de Gilles durante seu julgamento “eu era então deixado à rédea solta. Levava por diante tudo quanto me agradava. Dedicava-me a todos os atos ilícitos. Fazia todo o mal que podia”.

Seu comportamento inadequado, assim como o comportamento da condessa que desde seu casamento aos 15 anos aplicava punições, torturas por motivos banais corroboram os critérios A1, A4 e A5 do Transtorno de Personalidade Antissocial DSM-5 (2014) que nos trazem um fracasso no ajuste às normas sociais e comportamentos legais, sendo acentuada pela irritabilidade e agressividade com um descaso com a segurança própria e de terceiros.

Diferente da Condessa, possuímos informações suficientes de Gilles de Rais sobre sua infância para ter como hipótese o Transtorno de Conduta que de acordo com DSM-5 (2014, p. 470) consiste em “um padrão de comportamento repetitivo e persistente no qual são violados direitos básicos de outras pessoas ou normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade.” Evidências deste transtorno antes dos 15 anos de idade é um dos critérios de avaliação para o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial (Critério C), e como podemos ver ao longo da discussão Gilles apresentava comportamentos de violação de direitos e regras sociais desde muito novo, não possuímos relatos sobre o comportamento da condessa anterior aos 15 anos, entretanto, ao casar-se aos 15 anos já apresentava prazer nas punições aplicadas às criadas,

esta informação não é suficiente ter como hipótese o Transtorno de Conduta, porém é uma informação relevante para a avaliação final.

Tanto a Condessa Erzsebet como o Marechal Gilles apresentavam um comportamento sádico que de acordo com o DSM-5 (2014, p. 696) consiste em “excitação sexual recorrente e intensa resultante de sofrimento físico ou psicológico de outra pessoa, conforme manifestado por fantasias, impulsos ou comportamentos”. O sádico possui uma perversão erótica de forma que o sofrimento da vítima não apenas lhe agrada de modo geral, mas também lhe excita intensamente. Pode manter sua vítima viva por horas ou até dias torturando-a, ele gosta de ouvir os gritos, as súplicas e ver sua vítima implorar por sua vida (SCHECHTER, 2013).

O prazer proporcionado pelo sadismo não se resume apenas em causar dor física, muito tem a ver com o poder, movido pelo desejo de dominar, humilhar, rebaixar a vítima à um estado submisso, sentir que o outro pertence a ele, não é raro buscar gratificações em corpos inanimados, para que não ofereçam resistência alguma. Algumas vezes o sádico não se contenta com a morte de sua vítima, para alcançar seu prazer supremo promove mutilação em seus corpos como cortar seus genitais e estripá-las. Os métodos de tortura da condessa e do marechal correspondem aos critérios segundo o DSM-5 de comportamentos sádico. Dentro do castelo da condessa existia uma sala especial em que passava muitas noites entretida com seus aparatos e métodos de tortura, arrancava a carne nos lugares mais sensíveis com pequenas pinças de prata, enfiava agulhas, cortava a pele entre os dedos, aplicava às plantas dos pés colheres e placas em brasa eram apenas algumas de suas atividades. O marechal também possuía uma sala secreta onde torturava, abusava, matava, estripava e masturbava-se com o corpo morto de suas vítimas (PIZARNIK, 2011; SCHECHTER, 2013).

Ambos tiveram uma vida de tortura e sadismo, entretanto, segundo registros só iniciaram os assassinatos após a morte de alguém próximo, quando deram início as mortes ambos já possuíam mais de 18 anos (critério B), este fato é um dos detalhes que devem ser avaliados pelo DSM-5 (2014), a idade do indivíduo deve ser acima de 18 anos para concluir o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial. No caso de Erzsebet, ela apenas iniciou os assassinatos de jovens moças após a morte de seu marido, associada à sua compulsão por beleza e juventude, se submetia a banhos de sangue e de ervas para evitar o envelhecimento. De acordo com Bertin (1978), e Schechter (2013) Gilles iniciou sua vida de assassinatos após a morte de Joana D’arc, a quem foi confiado como protetor, podemos pensar que de alguma forma ela representasse uma figura importante para ele, por exemplo, da mãe que perdeu cedo ou até mesmo a representação de algo que ele nunca seria, pois nela conheceu a pureza em um ser humano, como nos traz Bertin (1978, p. 50) “ é, talvez, a morte de Joana D’arc que provocou a falha no seu espírito

predisposto para a loucura, à destruição de si próprio. Mas são certamente o despeito, o orgulho, a fraqueza de caráter que levaram ao aviltamento total”.

Há indícios de necrofilia no histórico de Gilles de Rais, esta parafilia a qual consiste na excitação sexual ao pensar, tocar, ver, cheirar e tocar cadáveres (Schechter, 2013). Na obra antes citada de seu julgamento, Bertin (1978, p.112) traz a fala de Gilles quando questionado sobre seus crimes e motivações “e eu estrangulava-os. E quando eles desfaleciam, praticava neles o vício da sodomia. E quando estavam mortos, beijava nos lábios alguns de seus rostos mais bonitos”. Quanto a excitação sexual de Erzsebet pelo corpo morto das jovens não temos informações, entretanto, há relatos de que possuía o costume de deixar moças de molho para que pudesse mordê-las quando tivesse dores de cabeça, além de carregar um corpo durante as viagens para que pudesse espetá-las e provocar feridas.

Tanto Erzsebet quanto Gilles de Rais sofriam de doenças típicas da época como a melancolia e a cólera, estas doenças foram identificadas e classificadas por Hipócrates na Grécia Antiga em IV a. C, ao identificar os quatro humores básicos: o colérico, o melancólico, o sanguíneo e o fleumático, que correspondiam, respectivamente aos excessos de bílis amarela, bílis negra, sangue e fleuma. Após algumas contribuições de Galeno, 130 d.C., esta classificação manteve-se até o final do século XVIII (BERTIN, 1978; PIZARNIK, 2011; RODRIGUES e GONÇALVES, 2004).

A condessa era acometida pela melancolia que era caracterizada por delírio parcial com inclinação tristeza. Passava horas em frente a um espelho desenhado por ela própria, sua empregada esforçava-se para deixá-la feliz com piadas e contos, porém não conseguia. No campo literário e filosófico a melancolia é tida como um tédio, falta de interesse pelo mundo externo, dor existencial, paralisia psíquica, tristeza profunda, abatimento e desgosto. Já Gilles sofria com o humor colérico, que era associado a tendência para irritabilidade, seus portadores eram impetuosos, ambiciosos, orgulhosos, aprendiam com facilidade, possuíam humor instável e eram espertos (MARTINS, SILVA e MUTARELLI, 2008; SILVA, 2004; MENDES, VIANA e BARA, 2014; RODRIGUES e GONÇALVES, 2004).

Faz parte do perfil do Psicopata a ausência de remorso e empatia diante suas vítimas e ao ser acusado de seus crimes. Este comportamento se enquadra no critério A7 do DSM-5 (2014, p. 659) “ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas”. A condessa foi executada sem entender o porquê de ter sido acusada, já que em sua concepção era nobre e, portanto, possuía direito sob aquelas que matou e tão pouco possuía pena ou empatia por suas vítimas. O mesmo ocorreu com Gilles, que embora dias antes de ser executado, mudou drasticamente de comportamento passando de desdenhoso e roupas luxuosas para um ser humilde, sempre de cabeça baixa e

vestido com roupas simples, clamando por misericórdia confessando seus crimes, com detalhes sórdidos e certo exibicionismo. A condessa quando viu que não conseguia retardar o envelhecimento, seguindo as orientações de sua nova feiticeira, anunciou um curso de etiquetas para moças nobres, podendo assim extrair sangue para seus banhos é próprio do psicopata simular sentimentos e arrependimento, assim contar mentiras para conseguir o que deseja, neste sentindo podemos associar ao critério A2 do DSM-5 (2014, p. 659) “tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.” Gilles ao simular arrependimento conseguiu com que a população que antes clamava por vingança, passasse a clamar por misericórdia (BERTIN, 1978; PIZARNIK, 2011).

Conclusão

A Psicopatia é alvo de constante pesquisa em diversas áreas do conhecimento além da psicologia, como a psiquiatria, a medicina legal e o direito. Apesar da intensa pesquisa nas últimas décadas, ainda existem questões a serem esclarecidas, pois os estudos em torno deste transtorno possuem apenas 200 anos, sendo que os primeiros 100 anos presenciou a recente transição do pensamento religioso para o pensamento empírico/científico.

O estudo do padrão de atuação seguido pelos *serial killers* é ainda mais recente. Na década de 70, agentes do FBI de forma intimista e de certa forma rejeitada por outros agentes, iniciaram os estudos e o reconhecimento dos comportamentos deste grupo para enfim chegar na definição e critérios que possuímos hoje, portanto, apesar dos esforços e estudos, possuímos poucas informações históricas da existência de *serial killers*, principalmente no Brasil, que são escassos os trabalhos e o interesse por parte das autoridades.

Existe um grande interesse e curiosidade por parte da população pelo mistério que gira em torno das motivações dos comportamentos dessas pessoas. A procura por filmes, livros e seriados é grande, se tornou um material lucrativo, entretanto, isto provoca a disseminação do senso comum e de informações não verídicas/romantizadas. Assim como no final da Idade Média foi preciso enfrentar as leis da Igreja e passar a estudar e dissecar cadáveres, mesmo que sendo encarado como algo repugnante, para que houvesse avanços na medicina e pôr fim ao senso comum, hoje se faz necessário estudos dos crimes, as motivações, os fatos e fatores para que a partir do entendimento do processo haja avanços na segurança pública, por exemplo, e na área da psicologia forense, que se trata de uma área consideravelmente recente, porém vem crescendo muito nas últimas décadas, não esquecendo de levar informações a população para que possa se proteger.

Para esta pesquisa houve dificuldade em encontrar literatura em português com base na ciência psicológica e não apenas criminal, no estudo da psicopatia e *Serial Killers*, sendo estes

assuntos ainda pouco explorados. A psicopatia e o *serial killer* são assuntos que geram curiosidade na população em geral, pois traz à tona questões comportamentais não aceitas e cabíveis a um ser humano. Desde o início da humanidade, as pessoas se utilizam de histórias e mitos para explicar aquilo que não compreendem, portanto, seguindo esta linha de raciocínio imaginamos que na idade média, um período marcado pela religião, pelo medo de demônios e de criaturas más, já existiam psicopatas e *serial killers*, porém receberam nomes e contos de terror a seu respeito, para amedrontar e, também, levar as pessoas a tomar cuidado com suas vidas.

Para chegarmos em uma resposta foi necessário analisar as informações encontradas sobre a vida das personalidades escolhidas. Por se tratar de uma análise de relatos de casos com mais de 500 anos, houve certa dificuldade no levantamento de dados de todas as fases de suas vidas, como por exemplo, a Condessa Bathory possuíamos poucas informações sobre sua infância, ao contrário do Marechal Gilles que por ser uma figura histórica pudemos ter acesso a informações, não apenas de sua vida adulta e seus crimes como também de sua infância.

A partir da análise dos dados obtidos e posteriormente relacionados com os critérios do DSM-5 para Transtorno de Personalidade Antissocial, podemos concluir que Erzsebet Bathory e Gilles de Rais apresentam indícios do transtorno e podemos também dizer que são pertencentes ao padrão de atuação dos *Serial Killers*. Diante deste resultado nos cabe pensar e abrir mais o campo de estudo, com pensamento crítico e desafiador, os psicopatas não existem há 200 anos apenas e os *serial killers* não iniciaram suas atividades há 40 anos, eles já existiam, já vivam na sociedade, passando despercebidos muitas vezes pelos costumes e práticas de sua época.

Referências

- BERTIN, C. **Os grandes julgamentos da história**: Gilles de Rais e Petiot. 11. ed. São Paulo: Otto Pierre, 1978. 316 p.
- DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. XII, n. 2, p. 285-302, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v12n2/v12n2a04>>. Acesso em: 23 Fevereiro 2017.
- MACDONALD, F. **O cotidiano europeu na Idade Média**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- MARTINS, L. A.; SILVA, P. J. C. D.; MUTARELLI, S. R. K. A teoria dos temperamentos: do corpo hippocraticum ao século XIX. **Memorandum**, São Paulo, p. 9-24, Abril 2008. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf>>. Acesso em: 14 Setembro 2017.
- MENDES, E. D.; VIANA, T. D. C.; BARA, O. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 423-431, Dezembro 2014. Disponível em:

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722014000400007&lng=en&nrm=i
[so](#)>. Acesso em: 14 Setembro 2017.

MONTEIRO, R. P. **Entendendo a psicopatia: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos**. Tese (Mestrado). João Pessoa, p. 187. 2014.

PIZARNIK, A. **A condessa sangrenta**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. [S.l.]: Tordesilhas, 2011.

RICHARDS, J. **Sexo, Desvio e Danação**: as minorias na Idade Média. Tradução de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RODRIGUES, V. A.; GONÇALVES, L. **Patologia da Personalidade**: Teoria, Clínica e Terapêutica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 216 p.

SCHECHTER, H. **Serial Killers**. Rio de Janeiro: Darkside, 2013.

SCHMIDT, M. F. **Nova História Crítica**: ensino médio. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SILVA, M. P. **Serial Killer: um psicopata condenado à Custódia Perpétua**. TCC (Graduação). Presidente Prudente, p. 111. 2004.